

**LINGUAGEM E INTELLECTUALIDADE NAS MALHAS DO DIGITAL: DISCURSOS,  
PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DO INTELLECTUAL E DO SABER NA  
CIBERMÍDIA.**

Mauricio Junior Rodrigues da Silva<sup>1</sup>

Maria Regina Momesso<sup>2</sup>

**RESUMO**

A finalidade do presente artigo é apresentar uma breve análise das práticas discursivas e representações atinentes ao saber na modernidade líquida (BAUMAN, 2005). Essa proposta é desenvolvida em um campo fundamentalmente contemporâneo: a cibermídia. Na análise, o intelectual não é tomado como um efetivo sujeito detentor de cognição, tampouco enquanto uma categoria social centralizadora de poder. Propõe-se que o mesmo seja pensado enquanto um construto discursivo e histórico, ou, ainda, como uma representação derivada de práticas discursivas. Essas perspectivas teóricas são tributárias da Análise de Discurso Francesa (AD) derivada de Michel Pêcheux e Michel Foucault, sobretudo ao considerar o saber e o poder como âmbitos inerentes e indissociáveis. Ao relacionar tal escopo teórico ao objeto proposto, é possível observar nas sendas da cibermídia estratégias de poder diversas, que produzem perspectivas distintas de representação e de identidade acerca do intelectual. Para tal fim, optou-se por eleger como corpus da pesquisa *e-textos* do *site* CPFL Cultura, um espaço virtual dedicado a divulgar encontros, palestras e atividades culturais em geral, que a CPFL Energia promove, divulga ou patrocina. Em resumo, é possível se perguntar quais são as estratégias discursivas que a *CPFL Cultura* apresenta e como estas se relacionam à produção de práticas representativas atinentes à intelectualidade.

**Palavras-chave:** Discurso. Intelectualidade. Saber. Cibermídia.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade apresentar uma breve análise das práticas discursivas e representações atinentes ao saber<sup>3</sup> em um campo fundamentalmente contemporâneo: a cibermídia. Ao analisar a dimensão discursiva do “saber” na contemporaneidade, é imperioso que se analise também o pretense sujeito que é comumente associado ao saber: o intelectual. Este último, por sua vez, deve ser pensado enquanto um construto discursivo, histórico e cultural. Frente a tal abordagem, o saber deixa de ser tratado enquanto mera forma de aquisição de conhecimento, e passa a ser considerado enquanto elemento de poder que estabelece formas específicas de cognição, em geral, associadas à imposição de aportes racionalistas<sup>4</sup> na percepção do mundo. Em outros termos, este artigo busca perceber quais são as técnicas de produção de discurso que são utilizadas quando o assunto é o saber e a intelectualidade.

Para a realização de tal objetivo optou-se por eleger como *corpus* do referido trabalho e-textos do *site* CPFL Cultura<sup>5</sup>, um espaço virtual dedicado a divulgar encontros, palestras e atividades culturais que a CPFL Energia promove, divulga ou patrocina. O sítio foi escolhido pelo fato de ser um fecundo ambiente no diálogo virtual com o saber, com a cultura, e por consequência, com a intelectualidade. Num primeiro contato com o *site*, chama logo a atenção o modo como o sítio é apresentado por seus criadores. Consta na *apresentação* do sítio que “hoje a CPFL Cultura não é apenas um espaço, *mas um conceito*”. (Disponível em: <<http://www.cpficultura.com.br/site/o-que-e/>>, acesso em: 21 de maio de 2010). Diante dessa assertiva, é tarefa do presente trabalho inquirir que conceito é este que o *site* julga “ser”, e de que maneira as práticas discursivas apresentadas no site corroboram na formulação desse *conceito*.

Fundado no desígnio de pesquisa citado, parte-se da hipótese de que a cibermídia, esse conjunto de mídias digitais em ambientes híbridos fixos ou móveis, por mais volátil, inócua e anárquica que pareça, traz consigo - por meio dos sítios virtuais - inúmeros dispositivos de natureza estratégica determinantes à produção ou à reprodução de saberes nesses ambientes. Em outras palavras, o sítio virtual a ser

examinado não se apresenta como mero depósito de informações isento de intencionalidade, mas antes como um campo portador de certas estratégias discursivas que corroboram para a construção dos “sujeitos” que os utilizam.

[...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso [...] não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.  
(FOUCAULT, 2008, p. 9-10).

O trecho acima designa o arcabouço teórico a ser utilizado no presente, isto é, optou-se como aporte teórico pela perspectiva da Análise do Discurso, de linha francesa, baseada em Michel Pêcheux e Michel Foucault, em específico, pelas ideias do último, sobretudo ao considerar que o sujeito constitui-se por meio de práticas discursivas. Segundo o próprio autor:

[...] o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência [...] analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva (FOUCAULT, 2000, p. 56).

É válido ponderar que para a Análise do Discurso Francesa (AD), o sujeito acha-se subsumido pela língua, pela ideologia, pela história e pelo inconsciente. O excerto a seguir demonstra como nesse horizonte teórico o sujeito não é nada mais que um construto histórico, ou ainda o produto de um entrecruzamento entre discurso, sociedade e história.

O sujeito aqui entendido não é o autor da história, mas o vivente da história; ele mergulha na fluidez da história. Ele não pretende criar a história pois ela lhe precede [...].  
Situando o sujeito na fluidez da história, nós damos o primeiro passo para o entendimento desse sujeito. Como qualquer mudança epistemológica mudam as práticas discursivas e as verdades, a concepção do sujeito histórico está atrelada a novas *epistêmés*.(GOMES, 2008, p.676)

Essa fundamentação teórica é certamente pertinente para a análise de um complexo objeto de estudo em meio tão variável e de difícil categorização como é o da cibermídia. Poder esquadrihar as dimensões conceituais do saber - dito

intelectualizado - nesse campo se apresenta não só como um desafio teórico, como também uma possibilidade de contribuir para a problematização de um meio que ganha cada vez mais relevância na vida hodierna.

Observa-se a importância de trabalhos como este não só em virtude da existência de poucos estudos sobre o tema, mas principalmente por ser um tema adstrito à contemporaneidade, e como parte desta, mostra um entrecruzamento multidisciplinar de distintas e relevantes áreas do saber como a linguística, a história, o jornalismo, a filosofia, etc.

Portanto, é a esperança deste artigo explorar de modo satisfatório todas as ideias propostas para poder abordar este complexo e almo tema.

## 2 O INTELLECTUAL, O SABER E A CIBERMÍDIA

Pode-se entender a cibernímia como “um conjunto de mídias digitais em ambientes híbridos, fixos ou móveis” (MCADAMS, 2008). Segundo o autor, essas mídias não se limitam ao plano virtual, mas se estendem a interfaces externas, como a telefonia celular móvel, as tecnologias *wireless*, os *ciber centers*, e as *lan houses*.

A cibernímia deriva da cibercultura. De acordo com Pierre Levy (1999, p. 247) “a cibercultura expressa uma mutação fundamental da própria essência da cultura”.

Ainda de acordo com o autor:

O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo ‘cibercultura’, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LEVY, 1999, p. 17).

Malgrado a proximidade conceitual, o termo cibernímia não se confunde com a noção de ciberespaço, é preponderante citar as palavras de Maria Regina Momesso de Oliveira e Maria Silvia Olivi Louzada para diferenciar esses termos. Segundo as autoras:

[Pode-se] afirmar que a cibernímia é diferente de ciberespaço, na medida em que não tem necessidade, especificamente, da ‘imersão’ em uma realidade virtual. Ao contrário de ciberespaço, a experiência com a

cibermídia permite ao usuário distinguir a realidade física da digital, ou seja, o ciberespaço é constituído de um espaço imaterial por onde trafega a informação e independente da conexão de sentidos, enquanto cibermídia precisa, obrigatoriamente, fazer um uso efetivo da informação vinda do mundo real/material. (OLIVEIRA; LOUZADA, 2008, p. 202).

Pela citação acima é possível notar que o vocábulo cibermídia pressupõe um imane contato com o real enquanto ciberespaço se restringe ao universo digital. Malgrado tal distinção ainda seja possível no mundo contemporâneo, com o avanço da tecnologia é sintomático que definições que abarcam a terminologia “realidade” em contraposição a uma “virtualidade” sejam cada vez menos plausíveis em um mundo onde o virtual tende a subsumir cada vez mais o real. (TURKLE, 1995, p. 12)

Essa perspectiva constante na obra de Sherry Turkle (1995) dialoga com o caráter híbrido que Adriana de Souza e Silva dá ao termo cibermídia. Para ela, “eliminando a distinção tradicional entre espaços físicos e digitais, um espaço híbrido ocorre quando não mais se precisa ‘sair’ do espaço físico para entrar em contato com ambientes digitais”. (2006, p.28). Nesse sentido, Cândida de Oliveira e Lara Nasi afirmam que:

[...] um espaço híbrido não se trata apenas dessa pretensa “união” entre o físico e o digital. Práticas culturais que surgem nessa nova possibilidade de espaço, que agrega o físico e o digital, produzem também uma mudança cultural, e aí os sujeitos passam a perceber de maneira diferente tanto o que já conheciam como físico e também aquilo que conheciam como digital.” (OLIVEIRA; NASI, s.d. 2009. Disponível em: <<http://discutindocomunicacao.wordpress.com/2007/10/15/ciber-cultura-uma-discussao-sobre-as-implicacoes-culturais-da-cibermidia-e-do-ciberespaco>>. Acesso em: 10 maio 2010).

A intelectualidade, a cultura e o diálogo com o saber não passam ao largo dessa alteração de percepção citada pelas autoras. Se outrora a intelectualidade estava restrita a campos fechados, pré-definidos, com o avanço da tecnologia e a formação dos referidos ambientes híbridos, essa perspectiva fechada e ortodoxa de entendimento do saber e do intelectual se encontram cada vez mais em descompasso com a modernidade líquida (BAUMAN, 2005).

Nesse sentido, instaura-se a problemática de se inquirir a respeito das dimensões e possibilidades de entendimento do saber nesses novos e fluidos ambientes, ou seja, surge a questão de como é possível perceber e entender a intelectualidade em um meio de difícil categorização, como é a cibermídia.

Contíguo a essa questão do saber está a figura do intelectual. Por ser um conceito aplicável a realidades distintas, ao longo da história essa figura já esteve

relacionada com os mais diversos setores da sociedade, como: o eclesiástico, o científico, o artístico, o acadêmico etc. No âmbito filosófico, muitos pensadores já se debruçaram a estudar tal figura. Em Hegel, a ideia intelectual está associada aos funcionários do Estado; o pensador recusa o caráter universalista que muito se associou à figura. Lewis Feuer estabelece como indissociáveis ideologia e intelectualidade. Seguindo no mesmo caminho, Norberto Bobbio (1997) relaciona essa figura à ideia de ideologia. Segundo o pensador:

Embora com nomes diversos, os intelectuais sempre existiram, pois sempre existiu, em todas as sociedades, ao lado do poder econômico e do poder político, o poder ideológico, que se exerce não sobre os corpos como o poder político, jamais separado do poder militar, não sobre a posse de bens materiais, dos quais se necessita para viver e sobreviver, como o poder econômico, mas sobre as mentes pela produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundo, de ensinamentos práticos, mediante o uso da palavra (o poder ideológico é extremamente dependente da natureza do homem como animal falante). [...] (BOBBIO, 1997, p.11)

Na hodiernidade, essa figura não perdeu espaço, contudo, com o advento de novas tecnologias, saber e intelectualidade ganham cada vez mais representações, em âmbitos cada vez mais distintos. Mauricio Salles Brasil, na assertiva a seguir, apresenta a posição de Foucault acerca do intelectual na modernidade líquida:

Para Foucault o intelectual moderno ideal para o figurino dos nossos dias, não é mais o portador de valores universais, ele é agora alguém que ocupa posição específica, eu diria também estratégica, na sociedade; um combatente pela verdade ou em torno da verdade; estabelecendo regras(método) para distinguir com maior precisão possível o verdadeiro do falso dentro de uma perspectiva de verdade/poder. Para Foucault não há espaço para exercícios utópicos em torno da verdade, pois ela não seria concebida sem um sistema de poder que a sustentasse, aquilo que ele chamou de o Regime da Verdade. (SALLES BRASIL, 2009)

A perspectiva foucaultiana a respeito da função hodierna do intelectual dialoga com a crise de paradigmas<sup>6</sup> do século XX. Sobre essa crise é válido citar o filósofo Zygmunt Bauman (2005, p.57-58) e a correlação que o autor faz da mesma para a rubrica de liquefação. Segundo o pensador:

A principal força motora por trás desse processo [de crise] tem sido desde o princípio a acelerada 'liquefação' das estruturas e instituições sociais. Estamos agora passando da fase 'sólida' da modernidade para a fase 'fluida'. E os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, ao menos que sejam derramados em um recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência de até mesmo das menores forças. (BAUMAN, 2005, p.57).

Essa “liquefação” descrita no excerto se entende ao conceito de intelectualidade, e se coaduna à perspectiva de Michel Foucault sobre o intelectual. Nesse sentido, intelectualidade moderna ou pós-moderna (LYOTARD, 2004), não se restringe a setores específicos como o eclesiástico, o político ou o acadêmico. Além dessa alteração no campo de atuação do intelectual, o próprio conteúdo do mesmo é mais flexível, menos pautado em verdades totalizantes, como pensa Foucault.

Essa variabilidade de conceitos quando posta em análise frente a um meio volátil como é o da cibermídia, permite-nos observar uma série multifacetada de práticas que parecem solapar com um sujeito especificado, abrindo caminho para se apreender uma grande possibilidade de discursos que permeiam os indivíduos. Cabe, portanto, analisar a seguir qual dos discursos acerca da intelectualidade se apresenta no site CPFL Cultura.

### 3 CPFL CULTURA & ENERGIA: UM BREVE HISTÓRICO

Antes de adentrar na análise dos discursos que permeiam o ambiente do site da CPFL Cultura, é de suma importância que se trace um histórico do mesmo.

O sítio advém da CPFL Cultura, uma empresa vinculada à Companhia Paulista de Força e Luz, que surgiu com o objetivo de incentivar, divulgar ou patrocinar eventos culturais. O grupo CPFL Energia surgiu em 1912 a partir da junção de quatro pequenas empresas de energia que atuavam no interior paulista. “[...] em 1927 a companhia foi adquirida pela *American & Foreign Power (AMFORP)*, – empresa do grupo norte-americano *Electric Bond & Share Corporation (EBASCO)*, ligado a *General Electric*, permanecendo sob seu controle até 1964, quando passou ao controle da Eletrobrás, do governo Federal. Em 1975, o controle acionário da CPFL Paulista foi transferido para a Companhia Energética de São Paulo (Cesp), do governo do Estado de São Paulo”. (Disponível em: <<http://www.cpf.com.br/HistóriaCPFLEnergia/tabid/106/Default.aspx>>. Acesso em: 10 maio 2010).

No ano de 1997, a empresa passou por um processo de privatização, que levou a mesma a ser controlada pela “VBC Energia (Grupo Votorantim, Bradesco e Camargo Corrêa), pelo Fundo de Pensão dos Funcionários do Banco do Brasil

(Previ), e pela Bonaire Participações (que reúne os fundos de pensão Funcesp, Sistel, Petros e Sabesprev)." (Ibidem)

A partir dessa reformulação em sua gestão, a empresa passou a se pautar por um discurso de maior participação social. Prova disso é que a empresa instituiu, em 2003, a CPFL Cultura. Segundo o sítio da empresa: "[A CPFL Cultura se constitui enquanto] um amplo programa cultural que promove reflexões sobre os desafios e oportunidades da contemporaneidade." (Disponível em: <<http://www.cpficultura.com.br/site/o-que-e/>>. Acesso em: 10 maio 2010).

A programação cultural da empresa teve início com o Café Filosófico, "[um] ponto de encontro dos mais renomados intelectuais com os mais diversos públicos, onde se organizam teorias e onde informações são transformadas em conhecimento." (Ibidem). Os encontros do Café Filosófico ganharam maior divulgação e popularidade, sobretudo graças à transmissão dos encontros pela Tv Cultura. Essas transmissões ajudaram a confirmar e robustecer a CPFL Cultura como uma importante empresa no trato com a intelectualidade e com o saber. Passados sete anos de sua criação, a empresa, com encontros e palestras anteriormente restritos à cidade de Campinas, ampliou seu campo de ação e chegou a mais seis cidades da área de atuação da CPFL Energia: Bauru, Caxias do Sul, Santos, São Paulo, Sorocaba e Ribeirão Preto.

Alguns números postados pelo site da CPFL Cultura retratam a importância de tal empresa no trato com a cultura e com o saber. Segundo o sítio, em 5 anos<sup>7</sup> de atividade, foram 2,5 mil atividades realizadas; mais de 400 mil frequentadores; 260 programas editados, 4 exibições semanais na TV, com 150 mil telespectadores por exibição na Grande São Paulo (fonte: IBOPE); mais de mil registros em vídeo no acervo. Além dessas importantes formas de divulgação, uma forma específica, não citada, nos chama a atenção: sítio da CPFL Cultura. Eis o objeto a ser analisado pelo presente trabalho.

#### **4 CPFL CULTURA: TECNOLOGIA E SABER NA CIBERMÍDIA**

Diante do histórico apresentado, um internauta comum poderia perfeitamente reduzir o sítio a um inócuo campo de propagação de cultura ou de saber. No entanto,

os ensinamentos deixados pela Análise do Discurso (AD) francesa nos impedem de analisá-lo de maneira tão simples. No excerto a seguir, Maria do Rosário Gregolin mostra como aderir ao projeto da AD e recuperar a historicidade dos conceitos pode nos possibilitar superar as obviedades e os determinismos constantes nos objetos:

[...] o retorno à história do desenvolvimento dos conceitos é uma forma de afastar certas “evidências” e fugir desses e de outros lugares-comuns. Voltar, reler, buscar os vestígios: são, no mínimo, atitudes prudentes, necessárias para re-equacionar esse campo tão complexo e tão sujeito a banalizações. (GREGOLIN, 2008, p.194)

Essa perspectiva historicista da AD, constante no excerto, ao se consubstanciar ao traço iconoclasta do pensamento de Michel Foucault, nos conduz à possibilidade de observar e questionar esses lugares-comuns citados pela autora. Segundo Michel Foucault (2008):

[...] a análise do discurso, assim entendida, não desvenda a universalidade de um sentido; ela mostra à luz do dia o jogo de rarefação imposta, com um poder fundamental de afirmação. Rarefação e afirmação, rarefação, enfim, da afirmação e não generosidade contínua do sentido, e não monarquia do significante. (FOUCAULT, 2008, p.70)

Ao perseguir esse jogo de rarefação e analisar o *site* de modo mais profícuo, logo de cara nos chama a atenção o modo como o *site CPFL Cultura* é definido em sua apresentação. Consta na mesma que "Hoje a CPFL Cultura não é apenas um espaço, mas um conceito" (Disponível em: <<http://www.cpflcultura.com.br/site/o-que-e/>>. Acesso em: 11 maio 2010). O dicionário Houaiss (2001) define "conceito" enquanto uma "faculdade intelectual e cognoscitiva do ser humano". A partir de tal relação entre termos, é possível pensar a CPFL Cultura enquanto um campo que se apresenta como parte da faculdade intelectual do ser humano, e ainda que se propõe a intervir nessa. Tal fala representa o discurso de uma empresa que pretende se mostrar discursivamente enquanto parte determinante de um processo de propagação de saber.

Segundo o sítio, o Café Filosófico, um de seus mais importantes produtos, aduz um "ponto de encontro dos mais renomados intelectuais com os mais diversos públicos, onde se organizam teorias e onde informações são transformadas em conhecimento." (Disponível em: <<http://www.cpflcultura.com.br/site/o-que-e/>>. Acesso em: 12 maio 2010). Pelo excerto, é possível observar a fala de uma empresa

que se propõe articuladora de saberes determinantes no encontro dos mais renomados intelectuais.

A partir de tal discurso, é ainda possível pensar o intelectual enquanto mero brinquedo de uma atividade intelectual muito maior: a atuação da própria empresa. Nesse sentido, o "conceito" que a empresa pretende "ser" é mais importante do que a contingência da fala do próprio intelectual. Em outros termos, as palestras, os encontros, os cafés são adornos amocambados e eclipsados<sup>8</sup> de um saber institucionalizado, pelo qual há padrões e regras a seguir. O seguinte trecho de "A ordem do discurso" de Michel Foucault representa bem tal situação:

[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo. Mais precisamente: nem todas as regiões do discurso são igualmente abertas e penetráveis; algumas são altamente proibidas (diferenciadas e diferenciadas) enquanto outras parecem **quase abertas** a todos os ventos e postas, sem restrição prévia, à disposição de um sujeito que fala. (FOUCAULT, 2008, p. 37, grifo nosso)

A expressão *quase aberta* nos leva a pensar que os elementos de poder não se encontram clarividentes a qualquer usuário. Como bem diz<sup>9</sup> Foucault (2008, p.40) esses elementos estão recônditos e às vezes são até suavizados por outros discursos. O seguinte discurso, colhido na seção "Institucional", subseção "O que é" do *site* mostra como há uma tentativa da empresa em se apresentar discursivamente como democrática e livre de arbitramentos ou imposições de saber:

A CPFL Cultura prima pela multiplicidade, o diálogo e a diferença e, desta maneira, busca cruzar as fronteiras dos públicos, das disciplinas e das visões de mundo para refletir, experienciar e inventar o contemporâneo. Todas as atividades realizadas pela CPFL Cultura são gratuitas. A programação é aberta a todas as correntes de pensamento [...] (Disponível em: <<http://www.cpficultura.com.br/site/o-que-e/>>. Acesso em: 10 maio 2010)

O trecho final do primeiro parágrafo dessa citação contradiz com a pretensa posição isenta da empresa. Isso se explica porque alguém que se apresenta discursivamente como um "conceito" e que pretende "inventar o contemporâneo" não pode se posicionar de forma isenta frente aos saberes. Ao contrário, esse discurso denota uma posição institucionalizada do saber, isto é, o discurso de "inventar o contemporâneo" pressupõe no mínimo intervir no mesmo, alterá-lo, configurá-lo; jamais deixá-lo fluir a seu bel prazer.

Tais ilações auxiliam na delimitação do lugar discursivo no qual se situam a CPFL Energia e sua empresa CPFL Cultura. Este campo pode ser definido como o lugar do discurso empresarial contemporâneo para o qual não basta a atuação estrita da empresa em seu setor econômico. A partir desse discurso, para que uma empresa tenha sucesso mercadológico, é preciso que ela atue também em outras áreas, como: a social, a cultural, a ambiental (STROBEL; CORAL & SELIG, 2004). Essa posição fica evidente no seguinte excerto:

Sustentabilidade e responsabilidade corporativa fazem parte da estratégia da CPFL Energia. Além de agir para promover e disseminar a cultura no País, a empresa incorpora o desenvolvimento sustentável e inclusivo em sua visão e em suas atividades. A CPFL Cultura é um dos principais programas de responsabilidade corporativa da empresa e a elaboração de seu conteúdo contribui para o desenvolvimento de modelos mais sustentáveis e inclusivos de desenvolvimento. (Ibidem).

Esse discurso só é possível em razão da já mencionada demanda no campo administrativo-empresarial em que predomina na modernidade líquida o discurso da sustentabilidade (SILVA & QUELHAS, 2006). Embora centrada no campo ambiental, essa fala se estende à atuação da empresa por outros campos como o cultural e o social. Nesse sentido, esse discurso só é possível porque é próprio de um momento histórico no qual ocorre “uma redução do tamanho e das funções estatais, repartindo-as com as organizações do mercado e da sociedade civil. O mercado cresce vorazmente, num processo de concentração de capitais, privatização de empresas estatais, fusões e aquisições”. (SHOMMER, 2000, p. 146). Essa conjuntura impulsiona as empresas a produzirem um discurso de engajamento social, cultural e ambiental, contexto esse plenamente coeso com o discurso da CPFL Energia, e, mormente, da CPFL Cultura.

## 5 CONCLUSÃO

Concluimos este artigo, ressaltando a importância do tema analisado, tanto por perpassar um campo de crescente influência na contemporaneidade, quanto pela pouca quantidade de estudos sobre o mesmo.

Assim, o objetivo do presente trabalho foi demonstrar como a intelectualidade e o saber são tratados discursivamente no cenário da cibermídia. Utilizou-se como

*corpus* e-textos da seção Institucional do *site* CPFL Cultura. Textos que nos ajudaram a perceber como o discurso de uma empresa – percebido por meio do *site* - subsume a um momento histórico em que se demanda discursos empresariais como estes.

A partir do exposto foi também possível observar como a estratégia de se criar um discurso pretensamente democrático, de sustentabilidade, de apoio ao saber, auxilia na construção de efeitos de sentido de uma empresa moderna, preocupada com demandas culturais, sociais, e de sustentabilidade. Efeitos que ocultam estratégias discursivas que denotam uma posição institucionalizada do saber, que determina quais falas intelectuais participarão dos encontros, dos cafés, e divulgação midiática. Em outros termos, ao cumprir com uma demanda empresarial moderna e se enveredar no campo da cultura, da intelectualidade e do saber, o sítio acaba por padronizar conceitos e instituir estratégias de saber em um meio com um potencial de saber amplamente iconoclasta.

Diante de tal padronização, a figura do intelectual aparece como mero joguete na estratégia de empresa moderna. Frente a isso, o usuário comum do sítio acaba por ter pouca ou nenhuma interferência nos conteúdos apresentados. Situação que demonstra como um saber tratado a priori como democrático se apresenta, na verdade, de forma completamente institucionalizada. Essa institucionalização engendra a possibilidade de se pensar em consonância com o pensamento foucaultiano e afirmar que a cibermídia é mais um meio onde há um contínuo deslocamento de subjetividades que possibilitam ao homem um múltiplo contato com subjetividades distintas, e que o fazem cada vez mais um produto de construções históricas.

Finalizando, espera-se que o presente artigo tenha traçado satisfatoriamente as bases para o entendimento do tema abordado, e dessa forma, possibilitado uma macrovisão exemplificativa de como a cibermídia atua na abordagem da intelectualidade e do saber.

## **LANGUAGE AND INTELLECTUALITY IN THE DIGITAL FIELD: DISCOURSE, PRACTICE AND REPRESENTATIONS OF THE INTELLECTUAL AND KNOWLEDGE IN CYBERMEDIA**

## ABSTRACT

The purpose of this paper is presenting a brief analysis about the discursive practices and representations relating to knowledge in liquid modernity (BAUMAN, 2005). This proposal is developed in a contemporary field: the cybermedia. In the analysis, the intellectual is not taken as an effective subject of cognition, either as a social category of centralizing power. It is proposed that it be thought as a discursive or historical construct, or even as a representation derived from discursive practices. These theoretical perspectives are tributaries of french *Discourse Analysis* (DA) derived from Michel Foucault and Michel Pêcheux, especially considering the knowledge and power as inherent and interrelated areas. By linking this object to the proposed theoretical scope, we can see in cybermedia, several strategies of power that produce different perspectives of representation and identity about the intellectual. To finish, we elected as a *corpus* of this research, e-texts from the site *CPFL Cultura*, a virtual space dedicated to publicize meetings, lectures and cultural activities that the company *CPFL Energia* promotes, publishes or sponsors. In short, it is possible to ask what are the discursive strategies that *CPFL Cultura* presents and how they are related to the production of representative practices about the intelligentsia.

**Keywords:** Discourse. Intellectuality. Knowledge. Cybermedia.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Graduado em História – UNESP/Franca-Sp. Mestrando do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Linguística da Universidade de Franca (UNIFRAN). Discente pesquisador do grupo de pesquisa GTEDI, UNIFRAN. Mestrando.
- <sup>2</sup> Doutora Lingüística – UNESP/Araraquara-Sp, Coordenadora, Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Linguística da Unifran, e pesquisadora do grupo de pesquisa GTEDI, UNIFRAN. Doutorado.
- <sup>3</sup> O saber tomado enquanto objeto no presente trabalho não diz respeito a formas de conhecimento ordinárias, dadas no dia a dia, ou no simples contato de um indivíduo com sua realidade. Esse vocábulo é aqui circunscrito ao saber dito intelectual, acadêmico, associado às artes, à filosofia, à literatura, e à cultura erudita de um modo geral.
- <sup>4</sup> A expressão “aporte racionalista” dialoga com a perspectiva filosófica derivada dos iluministas e da ilustração, que considera o sujeito enquanto autor de uma história, ou ainda, como “senhor” de seu conhecimento.

- <sup>5</sup> Não serão analisados textos virtuais de todo o sítio, apenas da seção chamada *Institucional*, na subseção *O que é*: uma parte do *site* dedicada à apresentação de seu espaço virtual e da filosofia da empresa CPFL Cultura.
- <sup>6</sup> Por crise de paradigmas entendem-se as mudanças conceituais, ou de visões de mundo, que ocorreram em diversas áreas do saber, no século XX, e que decorreram de uma insatisfação relacionada aos modelos iluministas, racionalistas e pautados, sobretudo, pela busca de uma verdade. Com a mudança dessas bases -conceituais, “[...] perderam legitimidade os discursos totalizantes e universalistas. A ciência hoje não mais pretende um projeto unificador, seus discursos tornaram-se mais cautelosos ao afirmar suas verdades, ou, ainda mais radicalmente, renunciaram a estabelecer qualquer forma de verdade, ainda que provisória”. (VAITSMAN, 1995, p.2)
- <sup>7</sup> Citação postada pela empresa no ano de 2008.
- <sup>8</sup> “Colocar-se em lugar oculto; esconder (-se)”. (HOUAISS, 2001)
- <sup>9</sup> “[...] que ninguém se deixe enganar; mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual, se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não-permutabilidade.” (FOUCAULT, 2008, p. 40)

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

DICIONÁRIO *HOUAISS* DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6.ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. 16.ed. São Paulo: Loyola, 2008.

GOMES, Gláucio Ramos. “O sujeito foucaultiano e as práticas discursivas no ensino da língua materna”. In: *Jornada Internacional de Estudos do Discurso*. 2008. p. 674-684.

GREGOLIN, Maria do Rosário. No diagrama da AD Brasileira: heterotopias de Michel Foucault. In: NAVARRO, P. (Org). *O discurso*. São Carlos: Claraluz, 2008.

LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

MCADAMS, M. *Cyberspace: two flavors*. Disponível em: <<http://mindymcadams.com/cybermedia/cyberspace.htm>>. Acesso em: 15 maio 2009.

OLIVEIRA, Candida de; NASI, Lara. *Ciber-cultura: uma discussão sobre as implicações culturais da cibernídia e do ciberespaço*. Disponível em: <<http://discutindocomunicacao.wordpress.com/2007/10/15/ciber-cultura-uma-discussao-sobre-as-implicacoes-culturais-da-cibernidia-e-do-ciberespaco>>. Acesso em: 15 maio 2009.

OLIVEIRA, Maria Regina M. de; LOUZADA, Maria Sílvia O.. *Jornalistas e blogueiros: cindidos nas malhas identitárias da cibernídia*. In: FIGUEIREDO, Maria Flavia et al. *Sentidos em movimento: identidade e argumentação*. Franca: Unifran, 2008.

SALLES BRASIL, Mauricio. *O intelectual moderno: uma visão foucaultiana*. Disponível em: <<http://www.buscalegis.ufsc.br/revistas/index.php/buscalegis/article/viewFile/8246/7812>> Acesso em: 01 mar. 2010.

SOUZA E SILVA, Adriana de – *Do ciber ao híbrido: tecnologias móveis como interfaces de espaços híbridos*. In: \_\_\_\_\_. ARAUJO, Denise Correa (Org.). *Imagem (ir)realidade – comunicação e cibernídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SCHOMMER, Paula Chies. *Investimento social das empresas: cooperação organizacional num espaço compartilhado*. Salvador: NPGA/UFBA, 2000. (Dissertação de mestrado).

SILVA, Lílian Simone Aguiar da Silva; QUELHAS, Osvaldo Luiz Gonçalves Quelhas. *Sustentabilidade empresarial e o impacto no custo de capital próprio das empresas de capital aberto*. *Gestão e Produção*. vol.13 n.3 São Carlos Sept./Dec. 2006.

STROBEL, J. S.; CORAL, E.; SELIG, P. M. *Indicadores de sustentabilidade corporativa: uma análise comparativa*. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 28., Curitiba, 2004, *Anais...*Curitiba: ANPAD, 2004. CD-ROM.

TURKLE, Sherry. *A vida no ecrã: a identidade na era da internet*. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

VAITSMAN, Jeni. *Subjetividade e paradigma de conhecimento*. In: Boletim Técnico do Senac - v. 21, n. 2, maio/ago., 1995

## WEBIBLIOGRAFIA

CPFL CULTURA. *O que é?* Institucional. Disponível em: <<http://www.cpflcultura.com.br/site/o-que-e/>>. Acesso em: 10 mai. 2010

CPFL ENERGIA. *História*. Disponível em:  
<<http://www.cpf.com.br/HistóriaCPFLEnergia/tabid/106/Default.aspx>>. Acesso em:  
10 mai. 2010